

A margem da obra de Sérgio Buarque de Holanda

SERGIO MILLIET

Conheci Sérgio Buarque de Holanda nos anos remotos de 1920 a 1922. Formávamos um grupo endiabrado, constituído por uma espécie de "jeunesse dorée" dessa cidade provinciana que era São Paulo. E como não nos faltasse tempo,íamos muito, íamos tudo, ele em particular que nos trazia as notícias mais recentes da vida intelectual e artística do ultramar. Por ele soube das alguns franceses ilustres, mas, principalmente, das revoluções que se processavam nas letras inglesas e alemãs. Revelavam-se as técnicas da poesia e do romão, renovavam-se os métodos de interpretação da história. Ele era, já nessa época, sem ler ainda completado seus estudos universitários, um erudito. Essa erudição, que nos humilhava um pouco, ele a descarregava, entretanto, com doses de humor e foi como humorista que flagrou de uma feita a existência de S. O. Grant, autor da "Cidade Dilettante"... Dizla que o andava procurando nos sebos britânicos, quando sabia muito bem que a princesa nascera no apartamento de Guilherme de Almeida em noite divertida, na companhia de Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes e Tacito de Almeida.

Nessa altura de sua vida, ao trocar nossa cidade pelo Rio de Janeiro, não o atraía ainda a história em que tão douto se tornou. O que sua curiosidade devassava de preferência era a poesia, era o romance, mas eram também as idéias, a filosofia, os métodos de trabalho.

Frequentávamos nos poucos nessas ocasiões. Eu cultivava o mu-

do boêmio e o jornal já me tentava, enquanto ele só bem mais tarde trilharia o caminho da imprensa. Alimentava-se de sábias leituras e meditava sobre a quintessência das artes da escrita. Para nós, os menores de 22, ele pertencia ao grupo dos grandes, dos sérios, embora fosse dos mais jovens.

Não recordarei em seus pormenores esses tempos em que eu mesmo corri mundo e o perdi por vezes de vista. Não pensávamos em academias, éramos leonoclastas, não raro pelo simples prazer da polémica, e nunca nos houvera passado pela cabeça que acabaríamos em alguma Academia.

Houve por bem, certa vez, o jovem e já acatado crítico Antonio Candido definir-me como um homem ponte entre a geração de 22 e a chamada geração de "Cilma". E a Sérgio Buarque em verdade que cabe a classificação. Já tinha ele em nossos tempos heróicos as características que seriam mais tarde as do "chato-boya", na expressão de Oswald de Andrade: a seriedade, o pudor, o ardoroso desejo de entender o nosso País, e explicá-lo, a fim de que um dia alguém o pudesse consertar. Os estudos áridos que o interessavam pareciam-nos indignos de revolucionários. E enquanto nós preocupávamos com demolir poetas de segundo time, ele acumulava um fundo de conhecimentos invejável. Já era um universitário num momento em que aos jovens a palavra soava rebarbativamente. E por que? Porque, na realidade, não sabíamos nada. Éramos deliciosamente ignorantes e foi com Sérgio Buarque e

com Mario de Andrade que aprendemos, não sem alguma relutância, a meditar. "É preciso saber ler Homero", berrava Mario de Andrade; e Sérgio gritava: "é preciso saber sociologia". Creio mesmo que foi ele um dos primeiros entre nós a dedicar-se a essa disciplina, o que só viemos a fazer após o malogro de 1932, conscientes da fragilidade de nossos quadros.

Sérgio Buarque já se preparava para a empreitada de "Raízes do Brasil" que iria merecer de Gilberto Freyre o louvor de considerá-lo como tomado por "essa ansia de introspecção social, que é um dos traços mais vivos da inteligência brasileira contemporânea". Foi um pioneiro nesse campo e foi essa mesma ansia que, em dadas circunstâncias, fez dele um crítico. Sua concepção da história diferia da de seus antecessores, lá além da fixação de datas e fatos, interpretava-os e, interpretando-os, buscava abrir um caminho para uma política construtiva e realista. Era uma grande história que incluía, ao lado de Paulo Prado e Capistrano de Abreu, num desbravamento que tivera também, em Alcantara Machado, um exemplo de método e compreensão.

Que o levou à História? Creio que foi seu espanto ante o milagre da transplantação de uma cultura europeia para os tropicais, isso cuja possibilidade orgulhosos sábios de outras latitudes haviam negado. A realidade desmentia as teorias. E como explicá-la? Sérgio encontrou a explicação no domínio "brando e mole" do português, na sua faculdade de adaptação ao meio. Não tinha ainda notícia de certas cartas jesuíticas em que se apontam caminhos inteligentes para a integração das tribos do sul na civilização lusitana, mas desco-

bril pela observação e a análise dos fatos as razões do êxito português nas qualidades humanas do colonizador.

Tais penetrações em profundidade de nossa história poderiam tão logo conduzir a uma posição tradicionalista setária e portanto perigosa. Não a adotou. A tradição pareceu-lhe des- de logo estática e de sabor re- elonário. Contra a hierarquia, erguia-se no Novo Mundo o es- pírito da aventura, valorizava- se o prestígio pessoal. E luti- bém, evitando os malefícios de uma possível estratificação, na base do dinheiro e da posição política, a cordialidade decor- rente da "um fundo emocional extremamente rico e transbor- dante".

"Raízes do Brasil" é hoje um livro básico de interpretação da realidade brasileira. Em certa página dessa obra capital, de- nuncia-se o grande pecado do século XIX, pecado que não foi o de nossos primeiros povoadores, "ter feito preceder o mun- do das formas vivas do mundo das fórmulas e dos conceitos". Efetivamente, a essa espécie de bovarysimo escaparam os lusita- nos. Estes, como diz em outro livro precioso "Visão do Paraí- so", caracterizaram-se pela sua adesão "ao real e ao imediato".

A "inspiração prosaicamente utilitária" dos cronistas portu- gueses não os impeliu a se de- laxarem empolgar pela visão do paraíso recuperado. Uma cons- tante preocupação de tirar par- tido da terra descoberta obviou as aventuras que não evitavam os espanhóis. Por isso, enquan- to estes ainda se aplicam a des- truir e converter, criando res- sentimentos e ódios, já os nos- sos colonizadores vão alcançan- do resultados positivos na assi- milação do gentio e na explora- ção das riquezas brasileiras.

Essa mentalidade prática que se manifesta desde os primeiros anos, e melhor se evidencia com o correr do tempo, tanto na organização das estatísticas da colônia — precisas e condu- zidas em vista do aproveita- mento econômico e sociológico dos dados — como nas cartas dos missionários, essa mentali- dade que dá Camões, um nar- rador, e não Cervantes, um so- nhador, é que faz do Brasil o milagre sul-americano.

Foi o que Sergio Buarque soube compreender, não sendo ele próprio afetado pela adesão aos formalismos. O panorama mudou bastante no século pas- sado. Mas graças a esse olhár- ce de nossa formação espiritual e sentimental, não nos atetaram muito as diversas doutrinas que desposamos sucessivamente. De- ram-nos ideais que instintiva- mente moldamos ao sabor de nosso "way of life", nossa in- confundível maneira de sentir e viver.

E' pois com motivos justifi- cáveis que seu primeiro livro ficou na bibliografia brasileira no mesmo nível de importância e necessidade que os de um Paulo Prado e os de um Capis- trano de Abreu.

Continuando as pesquisas de documentos úteis à interpreta- ção de nossa existência históri- ca, Sergio Buarque publica a seguir "Monções", estudo dos "aspectos significativos da im- plantação e expansão de uma civilização advéncia em terras brasileiras". A linha de explica-

ções e justificações é a mesma. "Os portugueses aqui ficaram diz, com a consistência do cou- ro, não do ferro ou do bronze, mas do couro, dobrando-se, ajustando-se, amoldando-se: lódas as asperezas do meio". O que se buscou e se encontrou foi a harmonia entre o homem e a terra, e entre o homem do lá e o homem de cá, o que se traduziu, não apenas na acti- ção e utilização das técnicas in- dígenas como ainda na concé- liação entre a arquitetura e o clima, coisa observável e admi- rada até em nossos dias na so- lução das construções coloniais no Rio e no Norte sobretudo. Sem ar condicionado, sem pela- deira, sem os recursos da tec- nica moderna, nelas ainda se vive melhor, mais funcional- mente do que nos corredos do cimento armado da Copacabana.

Esses estudos, em que a abun- dância dos documentos dá lugar a primazia à penetração do historiador e à clareza do es- tilista, foram continuados com "Cambios e fronteiras", livro que assinalou mais um êxito na carreira do historiador.

Sua curiosidade intelectual impediu-o, entretanto, de se de- ter definitivamente na História, de se continuar na pesquisa e na documentação. Ela induziu-o a prosseguir na convivência da li- teratura que fizera a felicidade de sua adolescência. Com seu espírito de análise e sua capa- cidade de meditação, era fatal que, ao lado do leitorador, se desenvolvesse o crítico. Assi- nando rodapés no "Diário da Notícias", no "Diário Carioca", e na "Folha da Manhã", escre- veu ele então alguns lucidos co- mentários e que se realçaram pela imparcialidade de julga- mento tanto quanto pela inteli- gência da observação e a leveza da linguagem. Em verdade, es- sa crítica aparenta-se menos a um juízo de valor — que ele bem sabe ser temerário, o mais das vezes — do que a uma se- rie de considerações à margem de textos interessantes. Ela sem- pre foi para ele um pretexto, ponto de partida, como o foi para os críticos do passado que ainda conseguimos ler sem te- dio e sem escândalo: um Remy de Gourmont, na quase totali- dade de sua obra, um André Suarés em boa parte de seus escritos, um Valéry, um Alain

principalmente. E' nessa compa- nhia que o coloco, e não na de um Sainte-Henry incompreen- sivo não raro e pretensioso ambi- do.

"Cobra de vidro" era que se- renou um punhado desses ar- tigos, e livro que principia em 1940, em que mais de uma ideia luminosa se colhe, mais de um ponto de vista de simpatia e clarividência se depára. Cito, como exemplo, as páginas exce- lentes em que analisa a poesia de Manuel Bandeira e a hompia- ra com a de Ronald de Carva- lho e a de Guilherme de Almeida. De Ronald, em particular, diz o crítico com agudeza que "nos intervalos de uma poesia que se quer minimal e inocente depáramos com meditações re- quintadas de uma sabedoria sentenciosa e asiática". E en- quanto vê nessa poesia sobretudo uma estilização da natureza, "de uma natureza já domestica- da", em Bandeira o que aponta como característico é o lirismo que vem "de fontes misterio- sas e íntimas".

Outros poderão estranhar — eu me cinto a admirar — que tenha tão sutilmente tratado dos segredos da poesia quem pare- cia unicamente atento aos ar- canos da história. E' que Sergio Buarque não é apenas um ho- mem culto, é também um sen- sível e um imaginoso. Por isso, assim como se compraz no ter-reno dos fatos sociológicos, de- lta-se com as coisas da filoso- fia e da estética. E do mesmo modo que encontra uma expli- cação engenhosa para a forma- ção histórica do Brasil, define o humor de Machado de Assis, baseando-o na concepção de "um mundo absurdo, não tragico, mas absurdô" e percebe a que- lidade da prosa "cortante e ágil que Antonio de Alcantara Ma- chado inventou para uso pro- prio".

Essa excursão pela crítica lite- rária, que eu lamento não ter durado mais tempo, foi impor- tante na vida de Sergio Buar- que. Realizava, em suma, uma aspiração da juventude, da epo- ca em que, leitor infatigável e leitor perspicaz, pôs o recebia- mos na redação de Klaxon ou na Confessaria Vienense para longas e proveitosas discussões. Creio que, se não houvesse fe- to essa experiencia, não teria atingido a leveza de explana- ção, a limpeza de linguagem, a capacidade de seleção que são o apanagio dos que souberam especializar-se sem se algema- rem como escravos à especiali- zação. E assim puderam dispen- sar o descolorido jargão tecni- co-científico, sem nada perder em profundidade. A crítica lite- rária e a pratica do ensaio fize- ram de Sergio Buarque um es- critor. E' o que é, acima de tu- do, e é o que dá a seus livros mais aridos um encanto que en- tre os historiadores não se vis- lumbrava comumente.

Referi-me à "Visão do Paraí- so". Chegou ele nesta ultima obra a uma elegancia de expres- são que impressiona tanto quan- to o saber e o descortiuo. As qualidades lusitanas do coloni- zador são as dele, no dominio que escolheu, na sua "colônia" da literatura e da história: au- dacia e prudencia, capacidade de fitar o céu, sem tirar os pés do chão. São essas que André Gide considerava essenciais e as atribua a Tesem: ir até o co- ração do labirinto, de espada na mão direita para matar o Mino- tauro, mas com uma ponta do fio de Ariana na esquerda.